

TNSC
TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS



26 mai
2024

**Orquestra Sinfónica
Portuguesa
Coro do Teatro Nacional
de São Carlos**
Sinfonia n.º 4
de Joly Braga Santos

Temporada 2023/2024 – Um Chão Comum
Grande Auditório
Domingo, 19h00
M/6

Sergei Prokofiev (1891-1953)

Concerto n.º 1 em Ré Maior para violino e orquestra, op. 19

Andantino

Scherzo: Vivacissimo

Moderato

INTERVALO**Joly Braga Santos (1924-1988)**

Sinfonia n.º 4 em Mi menor, op. 16 (versão coral-sinfónica)

Lento – Allegro con fuoco

Andante

Allegro tranquillo

Lento – Allegro con brio

Epílogo (Hino à Juventude) – Versão Coral Sinfónica:

Largamente maestoso, ma non troppo lento

Violino **Veriko Tchumburidze**

Direção musical **Julia Jones**

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

(Maestro titular **Giampaolo Vessella**)

**Conselho de Administração
do OPART, E.P.E.**

Presidente, Conceição Amaral

Vogal, Rui Morais

Vogal, Sofia Meneses

Conselho de Administração do CCB

Presidente, Francisca Carneiro Fernandes

Vogal, Madalena Reis

Vogal, Delfim Sardo

**Direção Artística de Artes Performativas
e Pensamento**

Aida Tavares

**Direção Artística do
Teatro Nacional de São Carlos**

Ivan van Kalmthout

Entre Sinais Opostos

Para assinalar o centenário do nascimento de Joly Braga Santos, reúnem-se neste programa dois clássicos do século XX, cujas vidas foram marcadas por ditaduras de sinal oposto.

Aluno do Conservatório de São Petersburgo, Sergei Prokofiev (Sontsovka, Ucrânia, 1891 – Moscovo, 1953) afirmou-se como *enfant terrible* em sintonia com as correntes futurista e simbolista, mas igualmente capaz de fazer uma perfeita e bem-humorada homenagem aos clássicos vienenses com a sua *Sinfonia Clássica*, de 1917. Foi também nesse ano que compôs o primeiro dos seus dois concertos para violino, antes da revolução que o levou a emigrar e a viver 15 anos entre a Europa e os Estados Unidos. A estreia deu-se em 1923 em Paris, com Marcel Durrieux como solista, sob a direção de Koussevitzky. (Prokofiev regressaria definitivamente à Rússia em 1936, onde veio a morrer no mesmo dia, ironicamente, que Estaline.)

O *Concerto n.º 1* combina as inovações do modernismo com a malícia, a limpidez e a originalidade que fazem de Prokofiev um dos clássicos mais apreciados do século XX. A obra tem um plano que diverge da tradição do género, camuflando os vestígios de forma sonata numa sucessão poética de episódios, com múltiplos achados nas sonoridades e nos ritmos. A leveza da orquestra combina-se com o lirismo e a agilidade do instrumento solista, criando filigranas tonais sem vislumbre de banalidade. Com um *scherzo* como andamento central, este concerto começa e acaba com andamentos calmos. A conclusão espelha o lirismo do início e parece a despedida discreta de um elfo, contribuindo talvez para o facto de esta obra genial ser menos tocada que o extrovertido 2.º concerto para violino (1935).

Nascido em Lisboa a 14 de maio de 1924, Joly Braga Santos estudou no Conservatório Nacional, mas fez o essencial da sua formação de compositor como aluno particular de Luís de Freitas Branco (1890-1955), de quem foi o mais importante discípulo. O seu catálogo, iniciado em 1942, foi marcado em 1946 pela estreia da sua 1.ª *Sinfonia*, que revelou, aos 21 anos, um sinfonista nato.

A primeira fase da produção de Joly reflete os ensinamentos de Freitas Branco e tem como coordenadas principais a construção cíclica e um idioma modal com raízes históricas na polifonia renascentista e na música tradicional portuguesa, em especial do Alentejo.

Em 1959 e 1960, Joly estudou em Roma com Virgilio Mortari e Gioacchino Pasqualini. O contacto com as novas correntes estéticas contribuiu para uma viragem na sua linguagem musical, em direção a um livre cromatismo e à incorporação de algumas coordenadas da nova vanguarda, sem abdicar de um estilo pessoal essencialmente lírico, baseado no *élan* melódico e ritmo.

A partir dos anos 1970 e até à sua morte — ocorrida a 18 de julho de 1988 –, a sua produção conheceu algumas reaproximações ao tonalismo e ao modalismo, num espírito de síntese que pode ser encarado como uma «3.ª fase».

O próprio Joly veio a descrever o propósito das suas primeiras quatro sinfonias: «a implantação de um sinfonismo moderno na música portuguesa, continuando o exemplo dado por Luís de Freitas Branco» e a «tentativa de construir uma música que, “visando o geral”, mas não desdenhando as conquistas do século XX, pudesse falar ao homem comum com simplicidade e clareza.»

A vontade de escrever «para o homem comum» é especialmente nítida na 4.ª *Sinfonia*, escrita para o Gabinete de Estudos Musicais da Emissora Nacional e terminada a 3 de dezembro de 1950. Com ela, Joly atingiu o arquétipo da monumentalidade sinfónica latina que buscava desde a 1.ª Sinfonia.

A obra é contemporânea dos cursos de Darmstadt, ou seja, da época em que a vanguarda atonal passou a dominar a música erudita europeia e em que os compositores tonais se tornaram subitamente os «marginais» apontados a dedo. Joly veio cultivar uma tradição quando as novas linhas de força da música ocidental assinavam a certidão de óbito dessa tradição. Num país acabado de despertar para a criação sinfónica e concertante, que finalmente dispunha de estruturas institucionais capazes de a impulsionar, seria impensável que tivesse enveredado pela senda pós-*weberniana*, não só porque Portugal estava a anos-luz dessa vanguarda — que só surgiria pela mão de Jorge Peixinho, a partir dos anos 1960 –, mas sobretudo porque não haveria estética mais incompatível com o seu temperamento. Mesmo

quando se deu a libertação da sua linguagem no sentido do livre cromatismo, Joly manteve o essencial do seu lirismo veemente.

Foi à Juventude Musical Portuguesa — criada em 1948 segundo o modelo das suas congéneres belga e francesa, com Joly entre os seus membros fundadores — que a 4.^a *Sinfonia* foi dedicada, tendo sido estreada sob a direção do compositor, a 28 de janeiro de 1951. A obra reflete a influência do Alentejo, tal como a 3.^a *Sinfonia*, igualmente escrita no Monte dos Perdigões pertencente a Luís de Freitas Branco, perto de Reguengos de Monsaraz.

A imensidão e o calor da paisagem alentejana talvez tenham sugerido o cunho dolente e contemplativo da introdução lenta, que apresenta a raiz cíclica, pentatónica e modal, no modo menor. Os ritmos pontuados do *Allegro con fuoco* vêm contrapor uma energia obstinada ao estatismo do início, numa sobreposição de intervalos de quarta que desemboca numa textura aguerrida das cordas e no 1.º tema oriundo da raiz, tocado fortíssimo pelas madeiras. O 2.º tema, cantado pelas cordas, é lírico e modal no modo maior, mais combativo que os das sinfonias anteriores. Segue-se o desenvolvimento com sonoridades agrestes e acrescido cromatismo.

Depois de um *Tranquillo*, segue-se uma reexposição regular, que termina de forma celebrável, no modo maior.

No 2.º andamento, *Andante*, o tórrido calor alentejano parece irradiar do *ostinato* nos graves e da melodia pesarosa dos clarinetes, em quintas paralelas. As cordas acrescentam um contracanto mais humano, mas o lamento acaba por se converter em grito doloroso, um dos clímaxes mais dissonantes da 1.^a fase de Joly. No centro de uma forma ABA desenvolvida, surge um canto de sabor *borodiniano*.

O 3.º andamento, *Allegro tranquillo*, é especialmente feliz na plasticidade das longas notas que se requebram em floreios líquidos. Com um sabor descendente de *La mer* de Debussy, este *scherzo* ganha uma cadência diferente na pulsação a cinco tempos da secção central.

O 4.º andamento difere das variações amplificadoras e da escrita contrapontística usadas por Joly nos finais das sinfonias precedentes, dividindo-se em três partes: uma introdução lenta (*Lento*); um *Allegro* em forma sonata (*Allegro con brio*), com exuberância orquestral e rítmica; e um epílogo (*Largamente Maestoso, ma non troppo lento*) que é talvez o momento mais

marcante da sinfonia, com a sua melodia repetida à maneira de um hino sereno e grandioso. Puramente orquestral na versão original da obra, foi por sugestão de Silva Pereira — tendo em vista um congresso internacional das juventudes musicais que teve lugar em Lisboa em 1968 — que Joly nele introduziu o coro que a melodia, com o seu quê de coral alentejano, parecia pedir naturalmente. Apesar da fraca qualidade do poema, esse célebre «Hino à Juventude» — que já tinha essa designação na versão instrumental — acrescentou à *4.^a Sinfonia* uma dimensão coral a condizer com a aspiração *beethoveniana* que marcou o género em Portugal.

Alexandre Delgado

Juventude, pura juventude,
A Manhã, o Amor,
Tão do fundo Pátria vertical
A crescer em esplendor.
Levemente num caminho novo,
Onde o cântico é dom,
Poderoso dom de ser-se leve,
Alva flor de som.
Juventude pássaros no sangue,
Ó incêndios de luz!
P'la distância inda mais além
Que à distância conduz.
Labaredas no Destino onde
Jovens ó por Amar!
Destruindo o barro que vos
esconde
Com um só vosso olhar.
Amor, ó Dom,
Indestrutível Dom, mais além,
Oh, no espaço
Amar!

Veriko Tchumburidze

Violino

Após ter ganho o Concurso Internacional de Violino «Henryk Wieniawski», Veriko Tchumburidze emergiu como uma solista proeminente em concertos sinfónicos, de câmara e de gravações. Já colaborou com importantes orquestras a nível mundial, tais como: Melbourne Symphony; Warsaw Philharmonic; Staatsorchester Stuttgart; Munich Chamber Orchestra; e com maestros como Marek Janowski; Michael Sanderling; Gemma New; e Dima Slobodeniouk. As suas participações em festivais incluem o Gstaad Festival, Rosendal Festival, Festspiele Mecklenburg-Vorpommern, tendo partilhado o palco com artistas como Sol Gabetta, Marc Andre Hamelin, Tabea Zimmermann e Maxim Vengerov. As suas gravações para a editora Sony Classical incluem o *Concerto para violino em Dó* de Anton Wranitzky, com a Munich Chamber Orchestra e Howard Griffiths, que a levou a ser convidada para o concerto de abertura da edição de 2016 do Festival de Cinema de Zurique, que teve lugar na Opernhaus Zürich. Desde 2016, Veriko Tchumburidze tem tocado num violino de Giambattista Guadagnini, construído em Milão, em 1756, gentilmente cedido pela Deutsche Stiftung Musikleben.

Julia Jones

Direção musical

Julia Jones é reconhecida pela firmeza das suas interpretações e pela sensibilidade na sua forma de dirigir, de acordo com várias críticas em diversas publicações internacionais. O *The Guardian* fala em «intensidade arrebatadora» e o *Deutschlandradio Kultur* destaca a «enorme leveza e clareza» do seu Mozart.

Já se apresentou em alguns dos mais importantes palcos de ópera do mundo como: Royal Opera House Covent Garden; Berlin Staatsoper; Wiener Staatsoper; Bayerische Staatsoper; Semperoper Dresden; Oper Hamburg; Salzburger Festspiele; e Bayerische Staatsoper. Apresenta-se regularmente como diretora musical convidada, tendo já dirigido algumas orquestras como a Staatskapelle Dresden, Philharmoniker Hamburg, Mozarteumsorchester Salzburg, Gürzenich-Orchester, Radiosinfonieorchester Wien, Scottish Chamber Orchestra e Yomiuri Nippon Symphony Orchestra. Destacam-se, de compromissos mais recentes: *Rigoletto* na Royal Opera House; *A Flauta Mágica* e *L'italiana in Londra* na Oper Frankfurt; e *As bodas de Fígaro* na Ópera Estatal de Praga. Irá dirigir o concerto de abertura da edição de 2024 do Tiroler Festspiele Erl.

Orquestra Sinfónica Portuguesa

Criada em 1993, a Orquestra Sinfónica Portuguesa (OSP) é um dos corpos artísticos do Teatro Nacional de São Carlos e tem vindo a desenvolver uma atividade sinfónica própria, incluindo uma programação regular de concertos e participações em festivais de música nacionais e internacionais. Colabora regularmente com a Rádio e Televisão de Portugal através da transmissão dos seus concertos e óperas pela Antena 2, designadamente a realização da tetralogia *O anel do Nibelungo*, transmitida na RTP2, e da participação em iniciativas da própria RTP, como o Prémio Pedro de Freitas Branco para Jovens Chefes de Orquestra, o Prémio Jovens Músicos-RDP e a Tribuna Internacional de Jovens Intérpretes. No âmbito das temporadas líricas e sinfónicas, a OSP tem-se apresentado sob a direção de notáveis maestros, como Rafael Frühbeck de Burgos, Alain Lombard, Nello Santi, Alberto Zedda, Harry Christophers, George Pehlivanian, Michel Plasson, Krzysztof Penderecki, Djansug Kakhidze, Milán Horvat, Jeffrey Tate e Iuri Ahronovitch, entre outros. A discografia da OSP conta com dois CD para a etiqueta Marco Polo, com as *Sinfonias n.ºs 1, 3, 5 e 6* de Joly Braga Santos, que gravou sob a direção do seu primeiro maestro titular, Álvaro Cassuto, e *Crossing borders* (obras de Wagner, Gershwin e Mendelssohn), sob a direção de Julia Jones, numa

gravação ao vivo pela Antena 2. Em maio de 2022, foi lançado o CD editado pela Naxos com obras de Fernando Lopes-Graça, sob a direção de Bruno Borralhinho. No cargo de maestro titular, seguiram-se José Ramón Encinar (1999-2001), Zoltán Peskó (2001-2004) e Julia Jones (2008-2011); Donato Renzetti desempenhou funções de primeiro maestro convidado entre 2005 e 2007. Joana Carneiro foi maestrina titular de 2014 a 2021. Atualmente, a direção musical está a cargo de Antonio Pirolli, seu maestro titular. A Orquestra Sinfónica Portuguesa completou 30 anos de atividade em 2023.

Giampaolo Vessella

Maestro titular do Coro do Teatro Nacional de São Carlos

É, desde janeiro de 2021, maestro titular do Coro do Teatro Nacional de São Carlos. Estudou trombone, composição, música coral e direção coral no Conservatório de Música Giuseppe Verdi, em Milão. De 2016 a janeiro de 2021, foi maestro do Coro da Devlet Opera ve Balesi de Ancara e, de 2018 a janeiro de 2021, desempenhou as funções de orientador vocal do Coro da Rádio e Televisão da Turquia. Simultaneamente à sua carreira como barítono solista, prosseguiu a atividade como maestro de coro, a partir de 1993, quando criou o Schola Cantorum «Cantate Domino» de Carbonate (Itália). Em 1996, fundou o Coro Euphonia, em Carbonate, do

qual foi diretor artístico e orientador vocal. O Coro Euphonia foi levado à descoberta do mundo da ópera, tendo interpretado, ao longo dos anos, os mais importantes títulos do repertório melodramático. De janeiro de 2002 a 2016, dirigiu o Coro Lirico dell'Associazione Musicale Calauce de Calolziocorte (Itália). De 2006 a 2016, dirigiu o coro lírico Corale Arnatese e, de setembro de 2012 a 2015, foi o maestro do Coro Operístico de Mendrisio (Suíça). Em 2015, fundou o Coro Sinfónico Ticino. Durante vários anos, lecionou técnica, pedagogia e didatismo de canto para maestros de coro, em cursos organizados pela Unione Società Corali Italiane, de cujo Comité Artístico foi membro. Como *freelancer*, é regularmente convidado, por *ensembles* e coros, a orientar *masterclasses* e cursos de canto, tanto em Itália como no resto do mundo.

Coro do Teatro Nacional de São Carlos

O Coro do Teatro Nacional de São Carlos, criado em 1943 sob a titularidade de Mario Pellegrini, tem atuado sob a direção de importantes maestros (Pedro de Freitas Branco, Votto, Serafin, Gui, Giulini, Klemperer, Zedda, Solti, Santi, Rescigno, Navarro, Rennert, Burgos, Conlon, Christophers, Plasson, Minkowski, entre outros) e colaborado com marcantes encenadores (Pountney, Carsen, Vick). Entre 1962 e 1975, o Coro colaborou nas temporadas da

Companhia Portuguesa de Ópera (Teatro da Trindade), tendo-se deslocado com a mesma à Madeira, aos Açores, a Angola e a Oviedo. O conjunto tem regularmente abordado o repertório de compositores nacionais (Alfredo Keil, Augusto Machado) e tem participado em estreias mundiais de óperas de Fernando Lopes-Graça, António Victorino d'Almeida, António Chagas Rosa e Nuno Côrte-Real. Em 1980, formou-se um primeiro núcleo coral a tempo inteiro e, três anos depois, assumiu-se a profissionalização plena, sob a direção de Antonio Brainovitch. A partir de 1985, a afirmação artística do conjunto foi creditada a Gianni Beltrami, e o titular seguinte foi João Paulo Santos. Sob a responsabilidade destes dois maestros, o Coro registou destacados êxitos internacionais: *Grande messe des morts* de Berlioz (1989 – Turim); *Requiem* de Verdi (1991 – Bruxelas) e Concerto Henze/Corghi (1997 – Festival de Granada). Giovanni Andreoli assumiu o cargo em 2004. Sob a sua direção, o Coro averbou êxitos num vasto e variado repertório. Em 2005, o Coro foi convidado pela Ópera de Génova para participar em récitas da ópera *Billy Budd* de Britten, convite que se repetiu em 2015. Giampaolo Vessella é o maestro titular desde janeiro de 2021.

Orquestra Sinfónica Portuguesa
Maestro titular **Antonio Pirolli**

PRIMEIROS VIOLINOS

Alexander Stewart

Pavel Arefiev

Leonid Bykov

Tomás Costa*

Nicholas Cooke

Luís Santos

António Figueiredo

Jorge Gonçalves

Ewa Michalska

Regina Stewart

Margareta Sandros

Laurentiu Ivan-Coca

Iskrena Yordanova

Alexander Mladenov

SEGUNDOS VIOLINOS

Paula Carneiro

Rui Guerreiro

Nariné Dellalian

Witold Dziuba

Carmélia Silva

Aurora Voronova

Maria Bykova

Lyza Valdman*

Slawomir Sadlowski

Patrícia Tomé*

VIOLAS

Pedro Muñoz

Ceciliu Isfan

Cécile Pays

Irma Skenderi

Isabel Pereira

Sandra Moura

Davide Navelli*

Etelka Dudás

Leonor Fleming*

Ventzislav Grigorov

* Reforços

Katarina Majewska

David Ascensão*

VIOLONCELOS

Hilary Alper

Ajda Zupancic

Carolina Matos

João Matos

Luís Clode

Gueorgui Dimitrov

Diana Savova

Emídio Coutinho

CONTRABAIXOS

Adriano Aguiar

Duncan Fox

Anita Hinkova

José Mira

João Diogo Duarte

Maria Delmar*

FLAUTAS

Prokofiev:

Anabela Malarranha

Rui Matos (+Picc)

Joly Braga Santos:

Anabela Malarranha

Ana Baganha

Rui Matos (+Picc)

OBOÉS

Ricardo Lopes

Elizabeth Kicks

Luís Perez (C.i)

CLARINETES

Joaquim Ribeiro

Cândida Oliveira

Jorge Trindade (+Clb)

FAGOTES**David Harrison****Joana Maia****Roberto Erculiani (Cf)****TROMPAS****Luís Vieira****Augusto Rodrigues****Laurent Rossi****Carlos Rosado****TROMPETES****Prokofiev:****António Quítalo****Latchezar Goulev****Joly Braga Santos:****Jorge Almeida****Pedro Monteiro****António Quítalo****Latchezar Goulev****TROMBONES****Jarrett Butler****Hugo Assunção****Joaquim Rocha (Trbn.B)****TUBA****Ilídio Massacote****TÍMPANOS****Richard Buckley****PERCUSSÃO****Elizabeth Davis****Pedro Araújo e Silva****Lídio Correia****Daniel Pinheiro*****HARPAS****Carmen Cardeal****Coro do Teatro Nacional
de São Carlos****Maestro Titular****Giampaolo Vessella****Maestro Assistente****Kodo Yamagishi****SOPRANOS****Ana Cosme****Ana Luísa Silva****Ana Serro****Ana Sofia Franco****Angélica Neto****Beatriz Maia****Carmen Matos****Carolina Raposo****Filipa Lopes****Isabel Biu****Isabel Silva Pereira****Maria Anjo Albuquerque****Maria Luísa Brandão****Patrícia Ribeiro****Raquel Alão****Sandra Lourenço****Sónia Alcobaça****MEIOS-SOPRANOS****Ana Cristina Carqueijeiro****Ana Ferro****Ana Rita Cunha****Ana Seródio****Ângela Roque****Antónia Ferraz de Andrade****Cândida Simplício****Conceição de Sousa****Inês Medeiros****Jacinta Albergaria****Luísa Tavares****Leila Moreso****Madalena Paiva Boléo***** Reforços**

Manuela Teves
Natália Brito
Rita Coelho
Rita Raposo
Susana Moody

TENORES

Alberto Lobo da Silva
Alexandre S. David
Arménio Afonso Granjo
Carlos Pocinho
Carlos Silva
Diocleciano Pereira
Francisco Lobão
João Cipriano
João Monteiro Rodrigues
João Queiroz
João Rodrigues
Luís Castanheira
Mário Silva
Nuno Cardoso
Rui Pedro Antunes
Sérgio Martins
Vítor Carvalho

BAIXOS

Alexandr Jerebtsov
Carlos Homem
Carlos Pedro Santos
Ciro Telmo Martins
Costa Campos
Enrico Caporiondo
Frederico Santiago
João Miranda
João Oliveira
João Rosa
Leandro Silva
Luís Mayer Bento
Nuno Dias
Simeon Dimitrov
Tiago Navarro



Julia Jones © Daniel Häker



Veriko Tchumburidze © Dunya Aslan



JÁ A SEGUIR — 30 JUNHO 2024

Banda Sinfónica da Polícia de Segurança Pública e Coro Sinfónico Lisboa Cantat *Dom Garcia* de Joly Braga Santos

Em 1971, António Barge encomendou a cantata cénica *Dom Garcia* para inaugurar o Festival de Vilar de Mouros. Composta por Joly Braga Santos e com poema de Natália Correia e David Mourão Ferreira, a obra retrata a disputa entre os filhos do rei Dom Fernando de Castela pela divisão do reino, culminando no cativeiro e morte de Dom Garcia. Estreou memoravelmente com a Banda da Guarda Nacional Republicana, dirigida por Silva Dionísio.

Domingo, 19h00
Grande Auditório
M/6

Coprodução: Centro Cultural de Belém, ARTPRODES



APOIOS



PARCEIRO PARA A COMUNICAÇÃO

